VI ANNO. SEXTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 1866. N.º 515

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada número avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

Teve logar, na terça feira passada, a abertura solemne das camaras. Por essa occasião S. M. El-Rei o senhor D. Luiz pronunciou o costumado discurso da corôa, a que damos publicidade em outro logar desta folha.

O discurso de S. M. traçou o caminho que o governo tem a seguir, e é de crer, que, como até agora, elle o siga, com os olhos fixos na prosperidade do paiz, que já tanto tem lucrado da sua excellente administração.

Não são muitas as promessas, e, por isso mesmo, nos convencemos que ellas hão de ser cumpridas cabalmente.

Com a abertura das camaras volta-se de novo a attenção publica para as importantes questões, que estão pendentes da sua resolução. Fazemos votos, por que sejam resolvidas com a prudencia e sisudez que ellas pedem.

S. M. El-Rei o senhor D. Luiz, no seu regresso ao reino, entregou ao sr. Joaquim Antonio d'Aguiar, e ao sr. conde de Castro a grã-cruz da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, com que o rei d'Italia honrou o sr. presidente do conselho, e o sr. ministro dos negocios estrangeiros. E' uma graça que recae no verdadeiro merito, e uma subida distincção para os agraciados, não só por quem a despensou, senão por quem a trouxe.

A camara electiva reuniu-se no dia 3 de janeiro, sob a presidencia do sr. Mello Soares.

Fez-se a eleição dos srs. deputados, de que devia constar a lista quintupla para a presidencia.

O sr. Cesario, antigo presidente da camara, foi o mais votado para a presidencia.

No segundo escrutinio o mais votado foi o sr. A. R. Sampaio.

No terceiro escrutinio foram approvados os nomes dos srs. Placido de Abreu, J. de Mello, e J. Pinto Magalhães.

A camara dos dignos pares nomeou uma deputação para felicitar S. M. El-Rei o senhor D. Fernando pela sabedoria com que regeu o reino na ausencia de S. M. El-Rei o senhor D. Luiz.

O *Diario* não publica documentos officiaes, que mereçam attenção.

A folha official publicou ha dias cinco propostas do sr. ministro da marinha, dizendo todas respeito ás nossas possessões na Africa.

Na primeira proposta é o governo auctorisado a contrahir pelo ministerio da marinha e ultramar um emprestimo de réis 50:000$000 para ser applicado ao pagamento dos vencimentos em atrazo dos empregados da provincia d'Angola.

Bem anda o governo em contrahir este emprestimo, para pagar a quem deve, se d'outro modo não póde satisfazer aos vencimentos dos empregados daquella provincia. Justo é que se lhes paguem os soldos e ordenados que se lhes devem.

O prompto pagamento é não só uma garantia, para que o serviço corra com regularidade, senão que tambem é uma obrigação que peza sobre o governo, e a que elle não póde esquivar-se.

O funccionario que não cumpre os seus deveres com a actividade que exige a regularidade do serviço, se não receber nos competentes prasos o seu ordenado, não póde ser reprehendido; e até se commetter faltas d'alguma importancia, tem sempre no atrazo do pagamento do seu ordenado uma circumstancia attenuante.

A boa regularidade do serviço, e o cumprimento das obrigações dos empregados dependem sempre do prompto pagamento dos seus vencimentos.

Afóra isto, é sabido e reconhecido por todos que a provincia d'Angola é, em quasi todos os pontos do seu territorio, insalubre; e em vista d'isso seria duplicada injustiça deixar de pagar os seus ordenados aos empregados do estado naquella pequenina porção da Africa que ainda é nossa.

A auctorisação que o governo pede ás côrtes para contrahir este emprestimo é justa, porque com o emprestimo paga todos os vencimentos em divida: o que seria injustiça era deixar atrazar mais os vencimentos, ou não os pagar.

N'uma outra proposta são supprimidos os governos dos districtos de Ambriz e Golungo Alto na mesma provincia d'Angola.

Esta proposta dictada pelo espirito das economias, é, alem de justa, muito louvavel: as economias devem de ser o fito dos governos, que, como o actual, sabem bem gerir a administração publica. Quando um governo, sciente dos poucos recursos do thesouro, e reconhecendo que fazendo economias não periga a administração dos negocios publicos, não as faz, póde ser taxado de fraco e esbanjador, sem receio de que não lhe caibam taes epithetos.

O governo merece louvores por supprimir os logares de governadores de Ambriz e Golungo Alto. A esta suppressão presidiu o espirito de economias, que nós apoiamos, e que quizeramos ver applicado em toda a sua possivel extensão. O governo supprimindo estes dois districtos preveniu o futuro, para se não ver outra vez nas circumstancias de contrahir um emprestimo, afim de satisfazer aos vencimentos dos funccionarios daquella provincia, que, com a suppressão dos dois districtos, hão de ser em menor numero.

Acolhemos, e louvamos esta medida do sr. minisiro da marinha, porque, quando vemos ao governo dar um passo no sentido de economias, compenetramo-nos da sua illustração e do seu bom tino na gerencia dos negocios publicos.

Appareceu na mesma occasião no *Diario* uma outra proposta do mesmo sr. ministro, e ainda com relação á provincia d'Angola. O fim della é a dissolução do esquadrão de cavallaria e da companhia de artifices de Angola.

É a ideia de economias que ainda se exhibe nesta proposta. O esquadrão de cavallaria na provincia de Angola era de necessidade que fosse dissolvido, porque não estava em equilibrio a despeza, que o estado fazia com elle, com a utilidade que d'elle provinha. O mesmo se póde dizer da dissolução da companhia dos artifices: a despeza não valia o serviço. Devia ser dissolvida, e muito principalmente nas actuaes circumstancias do thesouro, que não póde comportar despezas, de que não resulte um bem correspondente.

Sendo, como são diminutos os recursos da fazenda publica, é de urgente necessidade que se cortem as despezas com que o paiz não lucra, e que a ideia de economias se embua no animo dos nossos governantes, para que o thesouro não pague mais do que póde; e isto tanto em respeito ás nossas colonias, como ao continente.

Na folha official vem publicadas mais duas propostas tambem attinentes á mesma provincia. A ultima d'ellas determina, que a aguardente produzida na provincia de Angola, e que for nella consumida pagará de direitos de consumo a quarta parte dos direitos, que na pauta das alfandegas da provincia se acham estabelecidos para a aguardente estrangeira.

Esta proposta é como as precedentes de muita utilidade. Nella leva-se em vista o augmento da receita publica, sem que com isso se empeça de fórma nenhuma a industria d'aquella nossa provincia ultramarina.

Achâmos todas as propostas do sr. ministro da marinha muito convenientes e conformes com os pouquissimos recursos de que póde dispôr a fazenda publica.

O ministerio de que s. ex.ª faz parte tem avançado muito no caminho das reformas, tem mostrado iniciativa, tem desenvolvido talentos e illustração nas differentes medidas com que o paiz se dá por beneficiado, e com que se felicita da boa administração do actual governo; mas muito para elogios sería, se o ministerio que tão dignamente tem gerido os negocios publicos do paiz, olhando attento para o mau estado do thesouro, com a mesma coragem com que tem ido ávante na estrada das reformas, entrasse tambem no caminho das economias.

Cremos que as propostas do sr. ministro da marinha são já um lampejo das ideias que animam os restantes membros do ministerio. Julgamol-os profundamente compenetrados dos seus deveres para que deixem de fazer quanto estiver ao seu alcance em prol da prosperidade do paiz.

Mas já que manifestamos a confiança que nos merece o actual gabinete, por as excellentes medidas, com que, na sua ainda curta administração, tem beneficiado o paiz, é occasião propria de fallarmos nas nossas colonias ultramarinas, e de chamar para ahi a attenção do governo.

É claro que as propostas do sr. ministro da marinha, sendo de muita utilidade, não proverão, comtudo, ás muitas necessidades das nossas colonias que estão constantemente demandando a solicitude e zelo dos poderes publicos. As nossas colonias necessitam de muito mais. Faz-se urgente que attentemos deveras nellas, que se ponham todos os esforços para que se dê todo o desenvolvimento á sua industria, e para que se possa haurir d'ellas a riqueza em que abundam; e isto para que não haja a necessidade de subsidiar as provincias ultramarinas, e para que vejamos o fructo das nossas fadigas em proveito da civilisação dos indigenas, a quem devemos, quanto em nós couber, tornar felizes, visto que os tomamos debaixo da nossa protecção.

Muitos publicistas teem dito que as nossas colonias podem ser consideradas como excellentes meios para a futura prosperidade do paiz, porque de lá podemos importar muitos recursos que nos auxiliem nas emprezas da civilisação e do progresso. E' uma verdade incontestavel. Para nos convencermos da utilidade que podemos auferir dellas, basta lançar os olhos para os resultados que tem colhido das suas colonias a Inglaterra, a França e a Hespanha. Estas nações que não se teem poupado a sacrificios para espalhar nas suas possessões tanto os melhoramentos materiaes, como os moraes, teem sido largamente recompensadas desses cuidados e sacrificios.

As nossas colonias muito ubertosas, muito ricas de mineraes, de facil cultura, e susceptiveis de melhoramentos, em vez de serem mananciaes de riqueza para o paiz, estão, em virtude do pouco cuidado dos governos, demandando o nosso auxilio, e constituindo-nos na necessidade de contrahirmos emprestimos para pagar os soldos e ordenados dos empregados do estado naquella parte da Africa, que, podendo contribuir para o nosso engrandecimento, está, ao revez, pedindo os nossos soccorros.

Aquelle torrão fertil pede cultura, e nós temos-lh'a negado. Aquelles espiritos querem instrucção, e nós temol-os deixado vegetar nas sombras da ignorancia.

E' preciso que por uma vez acabe o desleixo, que tem havido para com as nossas colonias. E' necessario que os poderes publicos se compenetrem da utilidade que pode provir dellas, se se trocar o desleixo pelo zêlo, e a indifferença pelo cuidado.

Naquella nossa colonia da Africa a vegetação irrompe espontanea do solo, metaes de muito consumo e valor ha os ali tambem, mas nem d'uma, nem d'outros temos tirado resultados alguns.

A bandeira portugueza, que, nas gloriosas eras dos nossos passados, ia, precedida da columna de luz do evangelho, tremular ufana em regiões desconhecidas, a nossa bandeira, ante que se curvavam reverentes os povos avassallados, fascinados do poder immenso do nosso braço, essa bandeira, que em outras eras conquistava admiração de quem a via fluctuar imponente no cimo das nossas naus, é hoje odiada pelos indigenas daquella pequenina porção da Africa, que ainda nos recorda do que outr'ora valemos. E este odio que a raça negra vota a nossa bandeira, é devido em grande parte á pessima administração d'algumas auctoridades, que tem dado azo ás guerras, em que temos consumido recursos, com que poderiamos ter beneficiado aquella provincia. Os chefes militares principalmente, contra quem na imprensa se tem por vezes levantado brados de indignação, são os que mais teem concorrido para levar ao pessimo estado, em que agora se acha, aquella nossa fertil provincia ultramarina.

Nós quando nos constituimos tutores daquelles indigenas contrahimos a obrigação sagrada de promover, quanto podessemos, a sua felicidade. Mas esse dever é que nós não temos cumprido, apesar de conhecermos que do cumprimento de tal obrigação não provém só a felicidade para aquelles povos; lucramos nós tambem.

E' de necessidade que hoje se remedeiem os erros passados. Olhemos com seriedade para as nossas colonias; paguemos-lhes as dividas que os nossos maiores contrahiram para com ellas; demos-lhes todo o desenvolvimento ao seu commercio e á sua industria; e irradiemos luz nos espiritos selvagens de seus habitantes. E o progresso que nos convida, é o dever que nos manda, é a boa administração do paiz que o exige. E quando á frente dos negocios publicos está um ministerio como o actual, que tem força propria, que tem iniciativa, e para quem não ha obstaculos, nem difficuldades que o enervem, é occasião de mostrarmos que as nossas colonias precisam da sua solicitude e da sua iniciativa. Aquelles pequenos tratos de territorio, que nos recordam as nossas glorias passadas, não devem ser esquecidos.

O nosso estimavel correspondente da capital faz hoje algumas apreciações desfavoraveis ao merecimento do sr. Mendes Leal como homem de estado.

Respeitando esta opinião, não podemos partilhal-a. A nossa opinião sobre o illustre ex-ministro é a mesma que por tantas vezes tem sido emittida pelo *Districto de Aveiro*.

O nosso particular amigo dr. José Leite Monteiro, que ha mezes está honrando a imprensa lisbonense com os seus escriptos, propoz-se, como se vê do artigo, que em seguida, e com devida venia transcrevemos da *Revolução de Setembro*, a advogar na imprensa os interesses da ilha da Madeira.

É sem dúvida muito honrosa e nobi-

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 514.)

De volta, disse de si para si sir Guilherme:

— Ou Sidney realmente não está em Londres, ou este patife estudou o seu papel á maravilha. Mas eu conheci Arthur, e Benedicto assim o nomeou fallando-lhe. Se tivera crédores Benedicto, facil me seria crer que algum beleguim se houvera disfarçado em sir Arthur para mais a seu commodo encarceral-o por dividas. Em conclusão, vou talvez deparar com elle em casa de miss Amabel, explicando o seu desproposito de modo naturalissimo.

Sir Benedicto Arundell não estava em casa da noiva, a quem lady Braybrooke — por lhe ver o tristonho desespêro — cuidava de provar que nada havia mais natural, que desapparecer no ponto de celebrar matrimonio, e que sir Allan Braybrooke, o mais galante dos homens, a ser mister, arriscaria tambem aquella engraçada facecia.

Se não apparecia Benedicto em pessoa, porventura poderia escrever; mas — nem carta, nem bilhete; nada que explicasse o estranho procedimento!

Foram infructiferas as pesquisas da policia; em trevas mysteriosas ficava involto o fado de Benedicto Arundell. Que Sidney o assassinára, duro era de acreditar, porque ambos foram condiscipulos no collegio de Harrow, eram amigos do coração, e causas d'inimisade não as havia. Se foi arrebatado, sequestrado, com que intento? porque motivo?—Ciumes de galanteador regeitado? — Porém Sidney nunca víra miss Amabel, e não podia entre elles existir rivalidade.

Ao cair da noute entrou a pobre noiva no aposento virginal, cujo liminar cuidára pela manhã haver transposto pela vez derradeira. As aias a despiram, e depozeram, como corpo inerte, naquelle ninho formoso e branco, onde haviam esvoaçado tantos sonhos ditosos, espannejando as rosadas pennas em roda da fronte eburnea da donzella.

Ficou na posição em que a collocaram, com a cabeça afogada nos cabellos fluentes como as aguas, que manam da urna de um rio, e com o desbotado rosto encostado no braço. Pareceria morta, se a espaços não rolára uma lagrima sobre a cutis, como perola sobre marmore.

—Adeus, menina, disse Leonor Braybrooke, vendo que a sobrinha conservava affincada mudez, — boas esperanças!

Imperceptivel movimento de negação estremeceu os hombros d'Amabel, cuja convicção era irrevogavelmente feita, e que julgava que Benedicto, porque não voltára logo, nunca mais voltaria.

Nem um só momento acreditou Amabel, que Benedicto fosse um aleivoso; sentia-se amada por elle na presença ou no apartamento, nesta ou na outra vida;—tinha a fé robusta dos primeiros amores.

Assim chorou a noute inteira silenciosamente, até que o somno pertinaz da manhã veio carregar-lhe nas palpebras magoadas; mas eram os sonhos tão tristes como os seus pensamentos, porque dos olhos cerrados soltavam-se-lhe lagrimas a miude.

Correu assim a primeira noute de nupcias da donzella, que devia ser lady Arundell.

. . . . . .

Tambem lord Harley e sua mulher, vexados pela dor, davam-se a eguaes pesquisas para achar a filha e o genro perdidos.

Parecia que o leito mal fôra amarrotado. As vellas dos castiçaes arderam socegadamente até ás arandélas.

Estava sobre a mesa um papel queimado á chamma de uma das vellas, e que conservava a sua fórma, representada por cinza negra.

Cahido no pavimento havia um sobrescripto endereçado ao conde de Volmerange, sem carimbo de correio, e cuja letra evidentemente era fingida.

Contemplava lord Harley avidamente aquella sombra de carta, que o minimo sôpro fazia palpitar, e que acaso continha, — oh! mysterio irritante! — o segredo da fuga d'Edith e Volmerange.

Embalde tentava seguir na tenue pellicula carbonisada raros vestigios, que não haviam inteiramente desapparecido com o fogo;—tão arduo seria querer decifrar hieroglyficos, e maiormente hieroglyficos safados.

Nenhum indicio deu o papel queimado, e todavia podia ter-se como certo, que representára parte importante e decisiva naquella noute fatal. O cuidado, com que o inutilisaram, testificava-lhe o valor.

Estava aberta uma porta grande envidraçada, que dava para o jardim, e o sólo dos passeios, examinado cuidadosamente, mostrou vestigios levemente impressos por pé de mulher pequeno e recurvado, porque na areia humida só appareciam desenhados os dedos e o calcanhar. Maiores e mais encravados outros vestigios s'entremeavam tumultuosamente. Iam todos terminar n'um terrapleno do jardim, que da parte da rua defendia uma valleta.

Era por ali que tinham sahido forçosamente Edith e Volmerange. Do balcão ao sólo havia seis a sete pés d'altura. Como poderam vencel-a? Que podia conjecturar-se sobre esta fugida incrivel?—Dois noivos casados de fresco desampararem o quarto nupcial na primeira noute de casamento, como criminosos, e sem deixarem uma palavra sequer d'explicação! Engolphar pae e mãe em desespêro mortal! — Não era horroroso?

Rememorava lady Harley o aspecto triste e preoccupado d'Edith durante os dias, que precederam o casamento, e suspeitava paixão contrariada; mas não lhe affirmára Edith, que seu coração era livre, e Volmerange o marido da sua eleição?

Cahia sem fundamentos a explicação de rapto, ou de crime. Nenhum signal de passadas se dirigia do terrapleno para a porta envidraçada, e era este o caminho unico, por onde teriam podido entrar facinorosos.

O sólo mádido pela tormenta da noute conservaria outros vestigios tão fielmente como os de Edith, e Volmerange.

Um farrapinho de musselina espetado de passagem n'uma das pontas d'alcachófras, que costumam erriçar os muros bem defendidos, indicava o logar, por onde a donzella se tinha atirado á rua.

Infelizmente a calçada enxovalhada de lama, e cuberta de poças da chuva não conservára vestigios dos fugitivos.

Naquella noute de tempestade tinham as ruas ficado desertas muito cedo, e ninguem víra nada.

—Acaso, disse lord Harley, partiram para a sua quinta de Twickenham;—certo é porém, que Volmerange dizia, que nenhum prazer achava em encerrar a sua felicidade na caixa d'uma sege de posta, e fazer postilhões confidentes da pureza do seu amor. — Mandemos um criado a Twickenham.

No seu castello não tinham apparecido nem o conde de Volmerange, nem sua mulher, e a tal respeito nenhumas ordens tinha recebido o mordomo. (*Continúa.*)

lissima a missão que officiosamente se impoz, — e como tambem não é pequeno o desejo que temos de vêr prosperar essa preciosa perola da corôa portugueza, com o maior gôsto nos tornâmos echo das palavras do nosso presado amigo, reproduzindo-lhe os seus escriptos nas columnas do nosso jornal.

« Propomo-nos fallar em nome dos interesses da formosa ilha da Madeira.

Enmudece por alguns dias a voz da tribuna parlamentar, mas não cessam por isso as garantias peticionarias do systema representativo. Representem-se-lhe os éccos na tribuna periodica; é esta a grande excellencia da imprensa livre.

A continuidade estabelecida pelo jornalismo na representação popular conserva sempre vivos e activos os direitos mais santos da communidade, e offerece uma porta, que nunca se fecha, ás justas sollicitações dos interesses, que pendem da acção central.

Desindustria e sobrepensadamente esperamos, que terminassem os trabalhos do parlamento para fazer ouvir os interesses, que nos propomos aqui representar, porque desejamos os espiritos mais livres e despreoccupados para os attender com a seriedade que merece dispensar-se a todos os negocios da administração publica.

As noções do direito constitucional andam totalmente prevertidas, desde que o egoismo se tornou a oração dominical das parcialidades, desde que o interesse pessoal se constituiu a lei dos partidos, e a regra da acção politica.

Será difficil pois agrúpar em torno d'um pensamento de prosperidade local as dissidencias que militam animadas e desenvolvidas pela falsa idêa, que se forma d'um principio constitucional.

Comprehendemos que a individualidade não desappareça,e se abaixe debaixo dos proprios symbolos do nosso applauso social. Comprehendemos que as questões d'uma commodidade, por assim dizermos, especifica,se não sacrifiquem aos principios exaggerados e talvez subversivos d'uma devoção extremamente generica. Comprehendemos e admittimos que o proprio interesse pessoal anime e avivente a actividade publica. Não nos repugna que o elemento represente uma configuração determinada nas constituições do todo. Achamos plausivel e necessario mesmo que a esphera tenha a sua existencia organisada na harmonia social.

Mas o que não comprehendemos nem admittimos, e profundamente nos repugna é, que, por uma deturpação deploravel de idêas e de doutrinas se dê um desenvolvimento excessivo ás pretenções meramente pessoaes, a ponto de as vermos sobrelevar, vencer e dominar não só as conveniencias de ordem particular ou local, mas ainda as de natureza geral e commum!

Nem uma nem outra extremidade do systema póde envolver o segredo das felicidades progressivas dos estados.

A serpente de Moysés ameaçadora e tremenda pela cabeça tomada pela cauda vomita e perde a peçonha e a ira; mas a vara do direito social não tem esse privilegio, e tanto fere d'um extremo, como açouta do outro.

Nem o egoismo em politica póde tirar senão conclusões de immoralidade, nem a abnegação outro resultado senão um heroismo esteril.

Crêmos que, sempre que ser possa, a philosophia moderada que souber conciliar as irritações doutrinarias, terá resolvido d'uma forma triumphante o problema pratico de governar.

E é tempo de depormos por um instente os deploraveis estimulos da pessoalidade em beneficio dos interesses locaes e communs. E' tempo de abafarmos por um momento a violencia insensata das nossas ambições. E' tempo de addiarmos para melhor opportunidade as aspirações, que fumultuam dentro de nós, como um volcão destruidor; de comprimirmos as lufadas ardentes desta egoistica desesperação, que nos fez descrer de tudo, de tudo renegar por amor de nós, das nossas chamadas *crenças partidarias*.

As opposições teem os seus destinos marcados na lei constitucional das sociedades; e essa lei decerto não saberá applaudir, nem sanccionar os descontentamentos facciosos, as descrenças simuladas dos partidos, estes principios arrebatados d'aggressão a todas as idêas,a todas as intenções, a todos os actos da governação publica, actos, intenções, e idêas ainda as mais santificadas pelo patriotismo, ainda as mais canonisadas pela liberdade.

Ataca-se hoje uma medida e diz-se, que é porque ella tenta declaradamente contra os fôros da liberdade nacional; assalta-se ámanhã outra, e assevera-se sem pejo, que é porque nos quer conceder fóros excessivos, garantias com que ainda não podemos; porque sanccciona demasiadamente generosos principios da escóla revolucionaria, porque alarga e amplia demais a esphera das liberdades publicas; porque estabelece acessos perigossos ao exercicio, e ao goso das regalias da civilisação!!

Como nos haveremos de comprehender no meio destas contradicçoes e dissensos? Quem nos assegura, que não brincaes com as coisas publicas; quem nos ha de garantir, já não diremos a sinceridade, ao menos a seriedade dos vossos enthusiasmos? Não acreditaes nas intenções patrioticas e progressistas do governo? Assim o direis, assim o proclamaes, assim o quereis persuadir; mas porque? em que vos fundaes? Onde está a explicação dessas desconfianças, onde a plausibilidade desses reservas? Onde a rasão dessas desavenças?

Respondei a estas perguntas, senão diremos, que da vossa parte é que se dá ausencia de patriotismo, do vosso lado a falta dos estimulos da liberdade, dos vossos arraiaes é que partem os projectis de uma evidente hostilidade contra o progresso, contra o incremento das nosas condições de prosperidade!

Se quereis justificar perante o paiz as intenções, que vos animam, sêde uma vez por outra cautelosos ou discretos. De outra sorte continuarão dizendo todos, que vos não instiga o amor do paiz, mas que vos move a excitação de um desejo invensivel de ascender, de galgar as escadas do poder, tão cubiçadas e tão ingratas todavia!

Temeis lisongeiras apparencias, e não sabeis definir rasoavelmente o vosso proprio receio! Onde se viu uma tal arte de combater, onde um similhante systema de aggredir? Perdeis visivelmente o campo á medida que avançaes! E' deploravel a sorte de um partido que chega a estas consequencias! Quanto mais dignos não seriam da admiração do paiz os vossos esforços, se elles se combinassem para ajudar a administração do estado com as luzes, de que podeis dispôr!

Quanto mais benemeritos vos não tornarieis para a nação, se vós a soubesseis, ou quizesseis convenientemente soccorrer nestes momentos amargurados e afflictivos, em que ella se vê a braços com o terrivel espectro de uma ruina formadavel que parece surgir do meio dos tremendos desacertos governativos, com que nos dotaram administrações passadas mais zelosas em sustentar caprichos, do que em manter a dignidade do governo, e a diguidade da nação.

Como sereis merecedores das gratidões e dos applausos publicos,se n'um momento dado vos unisseis e fraternisasseis todos no sentido glorioso de ampliar os elementos da nossa successiva rehabilitação!

Estamos acostumados a ouvir dizer que os partidos no regimen parlamentar sustentam as liberdades constitucionaes; mas ou vós não comprehendestes a doutrina, ou ella é radicalmente falsa. Optae, e não tendes evasiva possivel diante dos testemunhos bem patentes do desgraçado effeito, que estas luctas cruentas, ou burlescas das facções tem trazido á sociedade portugueza.

Depois de ter reflectido maduramente na historia constitucional desta terra, e depois de ter estudado ou observado attentamente o vosso systema d'acção publica, temos chegado a uma conclusão, que nos custa revelar no seio da liberdade representativa!

A revolução parece nos ter desvirtuado os principios da nossa existencia autonomica. Falseou-se ou falseastes o desenvolvimento de uma ideia legitimamente nacional. Degeneram-se ou degenerastes os elementos da nossa individualidade social!

Ninguem reconhecerá, sob os trajes que lhe lançou aos hombros a liberdade, o Portugal filho de um pensamento elevado de conquista e espansibilidade!

Nem a historia vos illucida, nem o patriotismo vos estimula. Perverteis todas as ideias para as accommodar ao uso dos vis interesses que a vossa actividade unica e exclusivamente significa.

Mas se é o amor civico que vos incita, desenganae-vos; os estados não se governam, nem se sustentam e menos se engrandecem com as reacções calorosas, aggressivas, tumultuarias, que podem representar um grandioso sentimento, mas pura, mas exclusivamente individual, e de que o paiz, nem os principios aproveitam a não ser a desfiguração de todas as suas condições de progresso.

As opposições para terem razão de ser, deviam virar-se primeiro que tudo contra si proprias.

Combater em seus estultos e demasiados commettimentos e egoismo, que as inspira; debellar nas suas contradictorias e revolsivas agitações e a vaidade, que as estimula; destruir nos seus arrojos temerarios e irreflectidos um sentimento máo, que ás vezes e quasi sempre lhes preside.

Os governos, elementos e creações amoviveis, transitorios, e ephemeros da politica não teem culpa das nossas desgraças, mas sim essas influencias permanentes, consubstanciadas com a propria existancia de todas as reacções, que as acompanham, dirigem e animam sempre.

Aquelles mal teem tempo no curto espaço da sua vida publica, para edificar e construir o seu proprio tumulo; estas — principios sempre tensos, sempre vivos, percucientes sempre da liberdade, estas são mais dignas da virulencia e da ira das opposições.

E é esta a direcção unica e só constitucional, que os partidos podem dar á sua actividade opposicionista.

Derramae pois todo o fel das vossas indignações sobre os principios que vos incitam, fazei das opposições um principio de governar e não de destruir, dissolver e desordenar. Só assim conseguireis collocar as peças do machinismo constitucional no logar assignado pelas leis da sua legitima existencia.

Os nossos homens publicos estudam mais na fórma de fazer vingar paixões, do que no modo de conquistar terreno para as ideias, por isso mais carecem de que se lhes recorde o cathecismo constitucional, do que se lhes combatam suas aberrações e seus erros.

As discussões mantidas e prolongadas já pelo prurido polemico, que caracterisa a fragilidade humana, já pela irritação dos caprichos, esterelisa largas horas que bem valiam occupadas no serviço do paiz.

Nós podemos-nos lisongear, de que possuimos, quanto é possivel, uma administração capaz dos mais rasgados commettimentos. Resta só que um principio de moralidade anime o elemento constitucional das opposições. Desde que ellas entrarem no caminho, que lhes designam as doutrinas da liberdade, não receiemos pela sorte deste paiz, e esperamos mesmo que havemos de ver todas as condições do governo, conformes no pensamento de acudir por todas as necessidades que devidamente representarmos.

José Leite Monteiro.

Em seguida publicamos o discurso da corôa pronunciado por S. M. o senhor D. Luiz na sessão d'abertura das camaras.

E' um importante documento, que não só prova a illustração do nosso monarcha, senão que tambem o que ha a esperar do governo que actualmente preside aos negocios do paiz.

A falla do throno é como se segue:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza. — Acabo de regressar ao reino com S. M. a rainha, minha augusta esposa, e com o principe real, meu sobre todos muito amado filho, e sinto a mais viva satisfação por me ver rodeado dos representantes do paiz.

Assumindo a auctoridade real, de que ficára depositario, durante a minha ausencia, o esclarecido principe, meu presado pae El-Rei o sr. D. Fernando, apraz-me primeiro que tudo reconhecer nesta occasião solemne a sabedoria e prudencia com que S. M. regeu estes reinos, como é proprio das virtudes e altas qualidades que em diversas conjuncturas e por tanto tempo tem mostrado á frente dos negocios publicos.

Na visita que fiz a alguns soberanos da Europa, meus augustos alliados, recebi e receberam a rainha e o principe D. Carlos as mais claras provas de amisade e sympathia.

A Italia tornou a ver a filha querida dos seus reis, levou as suas demonstrações até o enthusiasmo. A benevolencia dos soberanos e o favor dos povos, penhorando meu coração, obrigam o meu reconhecimento.

Tenho a satisfacção de annunciar-vos que continuam as relações de amizade e boa harmonia entre Portugal e as outras nações. No interior do reino tem-se mantido felizmente inalteravel a segurança e tranquillidade publica, assim como em todo o resto da monarchia.

Sobre os diversos ramos de instrucção,e designadamente a primaria, e sobre a saude publica apresentará o meu governo ás côrtes algumas propostas de lei. Para formar bons cidadãos é necessario aluminar-lhes a intelligencia, e robustecer lhes o corpo para o trabalho, que é a base da riqueza nacional e origem de muitas virtudes. Confio que vós prestareis a estes assumptos a attenção de que são dignos.

Estão pendentes do vosso exame, e esperam resolução nesta sessão legislativa, varias propostas de lei, as quaes se recommendam pela sua importancia. A proposta do codigo civil, a que amplia e regula a liberdade de imprensa, e a que estabelece a desamortisação dos bens de varias corporações e estabelecimentos pios, são entre outras merecedoras da vossa madura apreciação. Vão já adiantados diversos trabalhos, que fazem esperar em curto praso uma importante transformação na legislação civil, criminal e commercial.

Estão felizmente removidos os impedimentos que obstavam á proxima instal lação das conservatorias, e conseguintemente á execução da lei hypothecaria; e não se esquece o governo de activar os trabalhos necessarios para convenientemente se proceder ao arredondamento das parochias, indispensavel preliminar de mais larga e profiqua reforma.

Tem continuado as obras publicas em todo o reino com o maximo desenvolvimento, compativel com os recursos que a lei auctorisou para esse fim. Porém n'este ramo da publica administração carecemos de progredir incessantemente. A nossa viação accelerada reclama o seu complemento, e as estradas ordinarias devem completar a rede das nossas communicações, subordinando-as ás directrizes das linhas ferreas.

Para conseguir este fim se terá dado um grande passo quando forem convertidas em lei as propostas que ainda pendem no parlamento para assegurar a construcção da nossa rede de sueste, e para completar o caminho do norte, levando-o a um ponto mais central da cidade do Porto.

Os melhoramentos commerciaes que tendes approvado, ao mesmo tempo que estimulam a nossa industria, devem facilitar-nos novos tratados com a Europa e America; e espera o governo, ainda no decurso da presente sessão legislativa, submetter ao parlamento algumas convenções internacionaes.

Tambem serão sujeitas á vossa apreciação algumas propostas de lei tendentes a tornar mais productiva a despeza feita com o exercito, melhorando os serviços da sua competencia, alargando os meios da sua instrucção theorica e pratica, e regulando convenientemente o que diz respeito á justiça e administração militar.

As provincias ultramarinas demandam consideração especial. Desenvolver as suas riquezas naturaes de modo que ellas possam ser auxilio em vez de onus para a mãe patria deve ser o pensamento e empenho commum.

Foram presentes ás côrtes algumas propostas neste sentido, e ser-lhes-hão submettidas outras providencias para o mesmo fim.

A situação da fazenda nacional reclama a mais séria attenção dos poderes publicos. O meu ministro da fazenda vos apresentará o orçamento da receita e despeza do estado para o anno economico proximo futuro, e as medidas indispensaveis para occorrer ás necessidades do thesouro, a fim de continuar, como até agora, a satisfazer integralmente os encargos ordinarios do serviço e aos juros da nossa divida fundada. A mais severa e bem entendida economia nas despezas é principalmente hoje indicada pelas circumstancias. Confio que prestareis a este importante ramo do serviço do estado toda a attenção que elle exige.

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza: do vosso esclarecido zelo e da vossa dedicação pelo paiz espero que empenhareis todas as vossas faculdades em examinar os negocios que vos forem apresentados, e promover a prosperidade publica.

Resolvi que os ministros que foram de meu augusto pae durante a regencia continuem no exercicio das suas funcções.

Está aberta a sessão.»

Estrada d'Agueda a Tondella

Lendo o numero 512 do *Districto* deparamos com «Estrada d'Agueda a Tondella (resposta ao numero 508.)»

Antes de nos impôrmos a tarefa da sua leitura corremos logo ver quem era o auctor. Apparece-nos Caparica e logo depois Antonio Maria Gomes de S. José!

Em breves voltamos á leitura. Apresenta-se-nos o authocephalo caprichoso, amontuando luzes da sua elevada intelligencia, discursando sobre regras mathematicas, confirmando as bases apresentadas pelo seu compadre Campos, e por ultimo fére a primeira batalha, e desapparece! A que viria o errante tartufo de Caparica no seu aranzel? Veio só insultar, e mostrar que a nossa assignatura lhe servia de tedio, ou quereria elle tambem defender o traçado da Castanheira? Ficamos confuzos; no entretanto se bem que o nosso estado scientifico seja na realidade muitissimo limtado, nem por isso desistiremos sem que primeiro lhe façamos trilhar o devido caminho; e mesmo por que a um argumentador tal não é preciso ser Salomão para lhe pôr a calva a mostra. Já demos muito amplas provas da verdade, que assiste á directriz do Alfusqueiro,e rebatemos todas as falsidades apresentadas pelos nossos adversarios. Resta-nos agora responder ao alucinado mathematico de Caparica, para quem com muito gosto vamos gastar duas pennadas de tinta; mas creiam os eleitores, que o rafado argumentador ha de sossobrar na pocilga immunda do sophisma.

Vamos á resposta, mas ainda antes temos de levar ao conhecimento do publico, que o tal *façanhas* é de Bolfiar, e ha pouco rezidente em Caparica; e que cremos como certo que isto no novo argumentador foi um delirio ao recordar-se, que passando a estrada pela sua porta podia, quando lhe apetecesse, vir de caleche até sua casa visitar a.....

Concordamos no seu amor patrio, e elogiamos mesmo, mas não o podemos fazer em todas as considerações expendidas, no sebento artigo do intarraichado argumentador.

Algumas perguntas agora ácerca desses traços deslocados de mathematica, apresentados pelo tal chichisbeu de Bolfiar: Aonde está, sr. Gomes a figura triangular, que diz ha, na estrada em questão? Como pode imaginar tal falsidade?

Quem (não sendo demente) duvidará que os dois traçados em questão são duas linhas que partindo do extremo—Agueda—vão entroncar perto do outro extremo, sem que apresente a tal figura triangular que imaginou?

Uma linha segue devidamente a antiquissima estrada da ponte do Alfusqueiro; e a outra linha em direita as colinosas e elevadissimas serras da Talhada, cujas difficuldades já muito bem apresentamos.

O mathematico deve, é verdade, medir as distancias pelo caminho mais curto; mas como averiguou já, que o caminho mais curto é o da Castanheira, se o do Alfusqueiro ainda não foi medido? Será inspirado pela providencia o tal S. José? Pomos-lhe duvida, por que as obras não concordam com o nome. Ainda mesmo que o caminho do Alfusqueiro fosse alguma coisa mais comprido, tinha a preferencia, por que só por ali é considerada como melhoramento publico; e além d'isso é muito menos dispendiosa.

Apezar mesmo, que uma grande parte dos habitantes da villa d'Agueda não votam no traçado da Castanheira, diga-nos: A opinião de Agueda e Tondella é sufficiente para a preferencia? Se a é, n'esse caso é estrada especial, e não publica.

Que importa aos dois extremos, que se prefira um ou outro traçado se a utilidade para elles é a mesma? Que tem a representação do Porto com a nossa questão?

Por ventura sabem os do Porto a directriz mais util e menos dispendiosa? S. José está delirando.

E' preciso que o sr. Gomes saiba, que uma estrada deve seguir aquelle ponto por onde mais utilisa o publico, e d'onde menos dispeza resulte; e não menos deve saber que estas bazes estão da nossa parte. Nem nos deu nem pode dar provas em contrario.

O sr. Gomes, quando se assenta á banca do seu escriptorio, imaginando a figura triangular, e descrevendo-a ao mesmo tempo com insultos que lhe são muito proprios, lembrar.se-hia que isso era sufficiente para adquirir o triumpho?

Rimo-nos do pobre charlatão. Lembra-nos o rifão do vulgo: Quem te manda a ti barbeiro tocar rabecão? Estes tambem é dos das encolhas que devia escrever em folhas, mas só nas de papel pardo. Não somos hoje mais extensos. Dezejamos vel-o por cá, mas não com mais provas da sua pouco esmerada educação. Já o conhecemos d'ha tempos, e por isso as escusamos.

Arrancada, 30 de dezembro de 1865.

J. B. F. Sousa.

Concelho d'Albergaria

Soou a hora da punição para essa companhia *d'olho vivo*, d'incendiarios, assassinos e de juramenteiros falsos que ha annos infestam o concede Albergaria a Velha.

O ex.mo governador civil de Aveiro, Guerra Quaresma,parece resolvido a levar a moralidade, onde sempre tem prevalecido a immoralidade, a corrupção e devassidão.

S. ex.a suspendeu já o escrivão da administração, Domingos João da Silva, por motivos de falsificação,e, segundo nos consta,tem em seu poder documentos para proceder contra outros funccionarios.

O concelho de Albergaria sempre foi apontado como o mais desmoralisado do districto; e cremos tocar ao sr. Guerra Quaresma a gloria de o regenerar.

Ha mezes que um individuo d'aquelle concelho querellou do administrador, Antonio Ferreira Souto e Silva por soborno, peita e concussão; porem o sr. sub-delegado, que sempre foi tido por um grande inepto, tem embaraçado o andamento do processo. Bom será que o delegado da comarca lhe peça contas da incuria, desleixo e talvez patronato que tem revelado.

Sobre os escrivães do ordinario e de paz José dos Santos Sousa e Miguel Rodrigues Branco pesam tambem gravissimas accusações. São estes individuos na nossa opinião os *heroes* das maiores aventuras que teem occorrido no concelho de Albergaria. Chamamos a attenção dos srs. juiz e delegado da comarca d'Agueda para os actos altamente puniveis que se dizem commettidos por taes empregados, que são o descredito do funccionalismo.

O sr. José dos Santos Sousa,conscio dos seus actos e conhecedor de que lhe querem instaurar processos crimes,pretende salvar o officio, passando-o para seu filho por nome Clemente da Silva Mello. Prevenimos o sr. Barjona de Freitas, digno ministro da justiça do expediente do escrivão Sousa para se não deixar illudir pelos protectores do celebre escrivão,em cujo numero figura, o par do reino José da Costa.

Este personagem proteje de ha muitos annos uma certa camarilha no concelho de Albergaria, que tem prejudicado centenares de cidadãos.

Estará o sr. José da Costa resolvido a querer sustentar por mais tempo a immoralidade que de ha annos lavra em Albergaria? O tempo nos desenganará.

Ha muitas pessoas que se queixam d'alguns empregados lhes terem cavilosa e *industriosamente* subtrahido avultadas sommas; brevemente apparecerão as provas contra taes escandalos.

Vimos hoje escripturas de confissões de dividas em que figuram como credor o celeberrimo escrivão Sousa e como devedor o tal escrivão já suspenso Domingos João da Silva na *qualidade* de procurador de umas mulheres de Alquerobim que nunca authorisaram taes documentos e indignadas protestam contra a *singella brincadeira* dos srs. José dos Santos Sousa e Domingos João da Silva, por isso que nada devem.

Pode tolerar-se tão infame proceder?

Pode alguem ter segura a sua fortuna com meliantes de tal ordem?

O individuo que sae á estrada, ou que invade a casa do cidadão tem o nome de ladrão; os que procedem assim são homens honrados?

Sr. governador civil de Aveiro, srs. delegado e juiz da comarca d'Agueda, srs. ministros do reino e justiça, providencias, providencias por que é assustador o estado de corrupção a que chegou o concelho de Albergaria a Velha.

Exposição do Porto

XVII

Quando ha dias fallavamos da fabrica dos srs. Anjos, Cunha, Miranda & C.a, dissemos que para o desenvolvimento dos trabalhos dessa fabrica, já hoje importante, e para o progresso d'outras, que tambem estampam tecidos, seria de maior conveniencia estabelecer por lei a restituição dos direitos de entrada. Assim o algodão cru viria receber, no paiz, mão de obra, e, convertido em novo artefacto, sahiria para outros mercados. Assim o consumo se alargaria, ganhando, com a sua maior amplitude o paiz, a fabrica, e o consumidor. Quanto mais a industria produz e vende,maior é a somma, que o imposto rende, e menor é o preço da venda.

O que dizemos da estamparia de algodões póde ser applicado a outras industrias. Propondo que se restituam direitos de entrada, queremos que sejam contemplados, com este beneficio, todos quantos com elle poderem lucrar, dando ao commercio do paiz elementos de vida.

Está neste caso a industria da chapelleria. Produzindo como ella hoje produz, adiantada como está, e nas circumstancias de concorrer, em alguns mercados estrangeiros, com as fabricas de outras nações, é justo que lhe seja concedida a restituição, que mais de uma vez tem pedido, e até agora sem resultado.

A chapelleria está representada, na exposição do Porto, por algumas poucas fabricas estrangeiras, e por muitas fabricas nacionaes.

O sr. Haas, de Pariz, expoz uma grande collecção de chapéos de phantazia, chapéos de mescla, e de feltro rasos, bons e bem acabados.

Os srs. Laville Petit et Crespin apresentaram chapéos de seda e de castor, rasos e fôrmas altas, chapéos por acabar, dos que em Portugal se denominam flamões, e chapéos de mescla. E' uma

collecção valiosa para confirmar a elevada reputação destes expositores.

O sr. José Viscaino, de Vigo, expoz trez chapéos de seda, soffrivelmente acabados.

Os srs. Bierrenbach & Irmãos de Campinas mandaram trez chapéos de feltro, mescla, que dão indicios de uma industria regularmente dirigida.

O sr. Gonçalves Braga, do Rio de Janeiro, expoz chapéos de feltro muito bem fabricados.

Os srs. Costa Braga & C.ª, do Rio de Janeiro, expozeram um chapéo de seda, e alguns de feltro, gommados e não gommados, de fabrico regular e bem acabados.

O sr. Manuel José de Carvalho, de Cucujães, apresentou quatro chapéos de lã, com o formato dos chapéos finos, dois chapéos para mulher, sendo um grande á moda de Ovar.

O sr. Antonio Moreira da Silva, de S. João da Madeira, expoz dois chapéos de lã, com o formato dos finos.

O sr. José Luiz de Almeida, de Braga: chapéos de seda, e rasos de fórma alta.

O sr. Antonio José Rodrigues Bahia, de Braga: chapéos de lã, com o formato dos finos.

O sr. José Gomes Loureiro: chapéos de feltro.

Os srs. Freire & C.ª: chapéos de seda, rasos de copa alta, e de feltro, incluindo dois de mescla.

O sr. Antonio Gonçalves Nogueira: chapéos de seda, chapéos rasos de copa alta, sobre cascos de tela, e de feltro, chapéos de feltro de fórmas baixas.

O sr. Antonio José Pereira, de Lisboa: chapéos côr de castanha, chapéos de feltro, chapéos de phatazia.

Os srs. Costa & C.ª, de Lisboa: chapéos de seda, e de feltro, e alguns de phantazia para creanças.

Os srs. Gresielle & Irmão, de Lisboa: chapéos de pellucia de seda, chapéos rasos de copa alta, chapéos rasos de copa baixa, chapéos de phantazia, e um chapéo armado.

O sr. Agostinho Roxo, de Lisboa: chapéos armados, chapéos de seda, de feltro, de castor, etc., e materias primas para o fabrico de chapéos.

Os srs. Guerreiro & C.ª, de Lisboa: chapéos de seda, e um de fórma baixa, pello comprido.

Os srs. Pinto & Cunha, do Porto: chapéos de seda, e um chapéo armado.

O sr. Maia e Silva, do Porto: chapéos de seda de varias qualidades, e chapéos armados.

A Fabrica Social, estabelecida no Porto: chapéos de feltro, rasos, etc.

Fazendo rapida indicação, sem apreciações relativas a cada expositor nacional, temos apenas por objecto dar a conhecer que esta industria se apresentou regularmente, e em circumstancias de ser imparcialmente avaliada.

Da simples inspecção, e da comparação dos chapéos nacionaes expostos, deduz-se que Braga se occupa em fabrico especial, com actividade e proveito, em quanto Lisboa e Porto trabalham em todos os ramos da chapelleria, elevando a perfeição da obra ao ponto de poder ella figurar dignamente em concurso com a obra estrangeira de boa qualidade.

Satisfactorias são estas conclusões; mas qual é o favor da industria da chapelleria em Portugal; qual é o capital nesta industria empregado; quaes são as feições caracteristicas deste nosso importante fabrico, examinado sob o ponto de vista da organisação das officinas; de quantos operarios dispõe; quaes são as condições de sua existencia; que melhoramentos reclamam; de que dependem?

Ha de responder a estas perguntas o governo portuguez quando houver concluido o seu inquerito official, que novamente ao seu cuidado recordamos.

Agora—sem os esclarecimentos que essa inquerição deverá fornecer—chegam apenas ao conhecimento do escriptor algumas informações particulares. São poucas. De poucas fabricas dão noticia. Dellas porém colheremos tudo quanto for util, e se mais tarde alguem se queixar, por que apparece uma ou outra fabrica miudamente descripta, em quanto da maioria dellas apenas se falla, pediremos que se queixe dos interessados, porque de tantos só algum por excepção tem a condescendencia de nos conceder a informação que pedimos a todos.

FRADESSO DA SILVEIRA.

(*Commercio do Porto.*)

Segunda parte do discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 7 de dezembro ultimo a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

(Continuado do num. antecedente.)

Pelo cahique? Em qualquer embarcação, cahique ou vapor, porque a tonelada pesa egualmente tanto no cahique como no vapor. A tonelada é sempre uma, venha em que navio vier.

Uma voz: — A differença está no preço.

O Orador: — Peço perdão; o preço do transporte é funcção da distancia, e não da qualidade do navio que o faz; está enganado o illustre deputado (apoiados). Não é porque um navio seja cahique ou rasca, que são em geral os navios que usam fazer o commercio de cabotagem entre esses portos, que a sua tripolação se volve maior ou menor.

A tripolação póde ser a mesma relativamente entre navios de differentes lotes, e a tripolação e as distancias, e não a fórma dos navios, é que determinam os preços dos transportes. Por consequencia o ser cahique, rasca ou hiate é questão completamente indifferente para o nosso estudo

E para o Algarve tambem ha vapores, e já os havia em 1855.

Aqui tenho eu a nota do movimento maritimo de então entre os postos do Algarve e Lisboa, em vapores e navios de véla; assim como tambem a do movimento entre Lisboa e Porto, em vapores como em navios de véla (leu).

E peço licença ao meu illustre amigo, que com muito prazer vejo hoje presente, prazer tanto mais vivo quando foi por motivo de molestia que hontem deixou de comparecer na camara para lhe dizer, que neste calculo tudo se acha reduzido ao mesmo *denominador*; pois que se trata dos vapores e navios de véla, quer dizer, de quantidades da mesma natureza.

Porém vamos ao anno de 1856; porque tomar um anno só para taes calculos, se não era faltar á verdade dos factos, seria falsificar os argumentos, e não é de certo o modo como me proponho de considerar objectos desta natureza.

Em 1856 o movimento entre o Porto e Lisboa foi maior, pois que foi de 51:465 toneladas, emquanto que entre os portos do Algarve e Lisboa foi de 24:327 toneladas.

Peço ainda licença para deste numero tomar a *media*, a que já hontem alludi; na esperança de que este methodo se não prestará mais a *epigrammas*.

Tomando a media pois destes algarismos acho 45:572 toneladas para os dois annos entre Lisboa e Porto, e 24:476 toneladas para o mesmo periodo entre os portos do Algarve e Lisboa, o que quer dizer, ainda o segundo numero mais de metade que o primeiro, n'uma differença de 1:690 toneladas a favor do commercio de cabotagem entre os portos do Algarve e o porto de Lisboa.

Ainda com relação a 1864 eu procurei examinar qual era o movimento entre os portos do Algarve e Lisboa; porém não o confrontei com o movimento do commercio de cabotagem entre Lisboa e Porto, pois que existindo caminho de ferro para o porto desde 1864, o movimento de cabotagem entre as duas cidades diminuiu consideravelmente, com quanto se não extinguisse. É este o grande privilegio dos caminhos de ferro (apoiados). Elles deixam viver todas as industrias, todos os meios de communicação, não matam nem aniquilam nenhum, e antes vivem com elles perfeitamente, e nem mesmo o *oceano* os prejudica (apoiados).

Temos em 1854 um movimento, entre os portos do Algarve e Lisboa, de 24:375 toneladas, o que quer dizer, um numero de toneladas proximamente egual á metade do que houve entre Lisboa e Porto nos annos de 1855 e 1856.

Tudo isto prova o seguinte: *primeiro* que o movimento entre os portos do Algarve e Lisboa tem sido estacionario, e comprehende-se perfeitamente que assim seja, pois que não tendo occorrido circumstancia alguma especial que podesse desenvolver o commercio entre o sul e o centro do reino, fica claro que esse commercio devia continuar nos mesmos termos, mantendo proximamente o mesmo nivel; *segundo*, prova como eu já disse ha pouco, que os caminhos de ferro têem creado movimento onde o não havia, e que portanto elles não vivem á custa do movimento alheio.

Eu peço á camara toda a sua attenção para este argumento, porque no fim de tudo, diga-se, estes negocios não podem resolver-se senão pela analyse fria e circumspecta dos documentos estatisticos. Eu sinto não ter o espirito do illustre deputado a quem agora estou respondendo (o sr. Carlos Bento); admiro o seu talento; admiro-o, porém não o invejo, porque não sou invejoso. A fortuna não me deu o seu espirito, porém deu-me o convencimento profundo de que questões desta natureza só podem ser estudadas e apreciadas á luz de uma analyse fria e cuidadosa, auxiliada com os subsidios de documentos especiaes e authenticos (muitos apoiados).

Disse ha pouco que — tudo o que levava exposto provava que o movimento do commercio de cabotagem entre Lisboa e Porto, depois da construcção do caminho de ferro do norte, diminuira mas não se extinguira —; e accrescentei que — se o caminho de ferro não viveu á custa do commercio de cabotagem, é porque elle creou movimento onde o não havia, é porque fez nascer novas fontes de riqueza —; e debaixo deste ponto de vista eu tenho tanta rasão para acreditar que o caminho de ferro ha de crear movimento nas provincias do sul, como os factos têem provado que elle fez nas provincias do norte e centro do paiz.

Não se póde portanto argumentar, nem com os terrenos safaros, nem com as charnecas incultas, nem com os tratos de territorio desprovoados d'aquella região-sul do paiz. Não digo que ella se transforme n'um paraiso em poucos annos, não pretendo que a sua população cresça espantosamente nos primeiros tempos, não affirmo que a sua cultura augmente prodigiosamente desde logo; mas o que eu digoe sustento, o que se deriva necessariamente da natureza deste grande instrumento de civilisação, chamado *ferro-carril*, comprovado pelo testemunho accorde de todos os paizes, é que o movimento ha de crear se, e a população desenvolver-se n'aquella região do nosso territorio, e tudo isto ha de dar em resultado crescer o producto bruto kilometrico do caminho de ferro do sul, em relação ao que devia ser agora calculado, se o fizessemos pelo que rende actualmente a rede do norte e leste.

Quando fiz os calculos, que precedem a proposta de lei que se discute, calculei em 1:967$615 réis a media do producto bruto kilometrico em cincoenta annos. Note bem a camara, que eu não disse que, pelos meus calculos, o caminho de ferro do sul havia de render logo aos primeiros annos 1967$615 réis kilometricos. Não o podia dizer, tanto mais quanto eu em breve exporei á camara o que julgo ácerca do seu rendimento progressivo.

O que eu sustentei é que se na media de cincoenta annos a linha de sueste tiver um rendimento egual áquella importancia, o contrato de 14 de outubro não trará para o thesouro encargos superiores áquelles a que se acha obrigado pelos contratos anteriores.

Esta é a these que eu pretendo sustentar, e quando os illustres deputados affirmam que o rendimento do caminho de ferro é de 1:000$000 réis ou de 1:600$ réis, supponho que esse rendimento se refere á media de cincoenta annos (apoiados), porque se dissessem que essa somma vigoavsa desde já, eu aceitava de bom grado os calculos dos illustres deputados, porque abonavam a minha opinião.

Porém tendo-se feito o contrato de 14 de outubro, estabelecendo-se a media de cincoenta annos, eu careço della para proseguir na minha argumentação.

O sr. *Sá Nogueira*: — Apoiado.

O orador: — E' verdade. Preciso della, e o illustre deputado já vê onde eu pretendo chegar.

Ora depois de se ter ausentado pela analyse de todos os elementos já ponderados, que o caminho de ferro do sul e sueste deve render proximamente mais alguma cousa do que a metade do que rende a rede dos caminhos de ferro do norte e leste (recorde bem a camara que eu demonstrei evidentemente com os dados estatisticos na mão, que em relação á população, aos impostos de differente especie, e ao movimento de cabotagem entre o porto de Lisboa e as provincias do sul, o rendimento, sob todos estes aspectos, era superior á metade do rendimento entre a capital e as provincias do norte). Depois de assentado este facto são-me ainda precisos, para a minha demonstração, dois elementos.

O primeiro é saber qual é o rendimento effectivo da rede dos caminhos de ferro do norte e leste, e o segundo é saber qual é o movimento de progressão que poderá experimentar esta rede. Considerando todo este conjuncto de circumstancias é que se poderá chegar, a meu vêr, a um resultado que mereça auctoridade e inspire confiança. Creio que esta é a ordem natural de chegar ao desconhecido.

Ora, eu acho o seguinte: a rede dos caminhos de ferro de leste e norte, em 1864 produziu 1:708$389 réis kilometricos, deduzidos já os 5 por cento correspondentes ao imposto de transito. No calculo que eu apresentei á camara vinha incluido este imposto.

Eu podia comparar semestre por semestre, porque o anno de 1865 não está ainda findo. Podia comparar o primeiro semestre de 1864 com o primeiro de 1865, porque o segundo semestre de 1864 com o segundo de 1865 não os posso comparar, como é obvio; mas não sendo equivalentes em nenhum caminho de ferro do mundo, o movimento do primeiro semestre e o movimento do segundo, e antes dando-se uma differença sensivel entre os dois semestres, por virtude de circumstancias faceis de apreciar, pareceu-me mais methodico e exacto comparar o movimento effectivo da rede dos caminhos de ferro de leste e norte do anno de 1864 com o de 1865, avaliando depois os dois mezes que faltam pela media dos mezes anteriores; e note a camara que esta avaliação é contraria ás minhas vistas, e por isso a apresento sem receio, porque, se alguma differença houver, será a favor dos meus antagonistas.

Rendendo, portanto, esta rede nos primeiros dos mezes de 1865 a quantia de 1:636$675 réis, e calculando dois mezes que restam pela media correspondente aos mezes decorridos, resulta a verba de 1:708$389 réis, que, comparada com réis 1:708089 réis, dá um accrescimo kilometrico de 255$621 réis, ou 15 por cento em relação aos dois annos decorridos.

E note bem a camara que eu estou tomando a media da rede inteira do caminho de ferro do norte e leste, porque se eu tomasse a media do caminho de ferro do norte, então a differença seria incomparavelmente superior, porque o caminho de ferro do norte está rendendo perto de 20:000 francos; mas o caminho de leste, por não estar continuado, por ter um grande concorrente, não produz o que produziria se essas circumstancias se não dessem, e por isso concorre muito para reduzir o termo medio do producto bruto kilometrico na rede inteira de leste e norte.

Porém observe o illustre deputado que esta opinião não equivale á que s. ex.ª formulou dizendo que = os caminhos de ferro, á proporção que se alongam, diminuem de rendimento =, porque n'esta materia não ha principios absolutos. Diminue umas vezes e augmenta outras o rendimento dos caminhos quando se alongam, o que é evidente.

(*Continúa.*)

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 296 de 30 de dezembro

REINO

Programma da sessão real da abertura das côrtes geraes ordinarias, que ha de ter logar no dia 2 de janeiro 1866.

— Despachos por decretos de 28 de dezembro, para a instrucção publica.

— Decreto mandando abrir no ministerio da fazenda, a favor do reino, um credito extraordinario pela quantia de 12:000$000 réis para despezas extraordinarias de saude publica no corrente anno economico de 1865-1866.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Despachos effectuados por decretos de 27 de dezembro.

— Noticia de que está a concurso o provimento de diversas egrejas parochiaes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Carta de lei authorisando o governo não só a prorogar até 30 de junho de 1867 os prasos estabelecidos para a troca e giro das moedas antigas mandadas retirar da circulação, mas tambem a fazer cunhar até á quantia de 300:000$000 réis em novas moedas de prata.

Exterior

Dissemos no nosso numero passado, que o ministerio italiano pedira a sua demissão, e dissemos por essa occasião que o general Lamarmora fôra encarregado pelo rei Victor Manuel da organisação do novo ministerio.

Não consta por ora com certeza quaes são os estadistas que entram para o novo ministerio. É muito provavel que a demora, que se tem dado na nova organisação ministerial, seja devida ás grandes difficuldades com que o general Lamarmora tem de luctar, no desempenho da missão, de que foi encarregado pelo soberano; e não lhe será muito facil conseguir organisar o novo ministerio, attentas as circumstancias da Italia. Terá talvez Victor Manuel de recorrer a outro politico que tenha as sympathias da maioria da camara.

Em quanto se trata da reconstrucção do poder, a camara ventila a questão relativa aos guerrilhas.

Apezar de se dizer que ainda não está reconstituido o ministerio italiano, correm boatos pouco criveis ácerca dos estadistas que formarão o novo ministerio.

Uns apontam os seguintes nomes: Lamarmora, presidente e negocios estrangeiros; Lanza, finanças; Brignone, guerra; Chiaves, interior; Pescelto, marinha; Depretis, obras publicas; sem fallarem dos ministros para a justiça, e agricultura. Outros fallam nos nomes dos srs. Jacini para as obras publicas, e Visconti Venosta para os estrangeiros, ficando o general Lamarmora presidente, e com a pasta da guerra. Diz-se tambem que a pasta da guerra fôra offerecida a Brignone, e que este a recusára; e que a da justiça a Mari, presidente da camara, que do mesmo modo a não quizera acceitar.

Consta que um prelado italiano offerecêra ao gabinete 600 milhões de francos, em nome do episcopado, a fim de que seja retirado o projecto de lei que diz respeito á desamortisação dos bens dos conventos. O boato póde ter algum fundamento, attendendo á situação financeira em que se vê a Italia, de cujo mau estado do thesouro quer tirar partido o clero italiano.

Affirma-se que o clero da Italia não teria muita difficuldade em arranjar essa somma, e que lhe não seria necessario recorrer ás propriedades; bastava-lhe vender unicamente objectos preciosos.

A respeito das eleições parciaes, a que ha pouco se procedeu na Italia, ainda pouco se sabe. Em Pistoia foi eleito o sr. Civinini, redactor do *Diritto*, orgão da esquerda. Teve 226 votos contra 170 que recairam no sr. Carnicci, liberal moderado. Em Napoles não teve resultado definitivo a lucta eleitoral entre Fiaretti, da esquerda, e Poerio, moderado.

— Na Suecia as ideias liberaes e o espirito de progresso, que alcançaram victoria na reforma parlamentar, começam a exercer a sua benefica influencia na legislação. Um dos membros da ordem do clero, o sr. Ribbing, esforça-se por modificar as leis deste paiz, que são inflexivelmente intolerantes.

Era uma necessidade a modificação de leis taes, e é ao sr. Ribbing a quem cabe a honra de pôr hombros a esta gloriosa tarefa, e elogios pelo haver tentado pôr as leis daquelle paiz ao par das ideias liberaes e tolerantes da epocha.

Este ecclesiastico apresentou uma proposta que tem em vista conceder aos israelitas o direito de desempenhar as funcções publicas. Esta proposta do sr. Ribbing provoca a discussão sobre assumptos de liberdade de consciencia, estrictamente travada com as reformas constitucionaes que a Suecia está experimentando.

— Em Athenas foi definitivamente organisado o ministerio, que é o decimo, que no espaço de dois mezes sóbe ao poder.

É presidente do novo gabinete o sr. Rufos.

Este ministerio, logo que tomou posse publicou uma proclamação em que falla muito de ordem, de medidas economicas, de conciliação e progresso, e faz promessas que os gabinetes anteriores tinham já feito, mas que não chegaram a realisar.

O actual presidente do conselho de ministros é homem que gosa na Grecia de excellentes creditos, e, em virtude d'isso, ha muitas esperanças de que elle estabecerá uma regular administração no paiz, e dar-lhe-ha a paz, de que tanto precisa a Grecia para dar desenvolvimento ás suas instituições liberaes e aos recursos de que póde dispôr.

— A questão mexicana está occupando as attenções de ambas as casas do parlamento, referem as folhas americanas. No senado mr. Wade, do Ohio fez a moção seguinte:

«Considerando que o imperador dos francezes em uma carta de instrucções enviada ao general Forey em 3 de julho de 1862, mostrou a sua politica com relação a este continente, declarando ao commandante das tropas francezas no Mexico, ser sua intenção estabelecer ahi uma monarchia que restaurasse a raça latina neste lado do Atlantico toda a sua força e predominio, garantir a segurança ás colonias francezas e hespanholas; assegurar os interesses e estabelecer a influencia da França no centro da America, e obstar ao povo dos Estados-Unidos de tomar posse do golpho do Mexico, dominando as Antilhas e a America do Sul e fazendo se unicos distribuidores dos productos do novo mundo.

«Considerando que de accordo com essa politica se tentou estabelecer uma monarchia no Mexico, contra a vontade do povo, e soccorrer Maximiliano com soldados da Europa.

«Considerando que além d'outros actos adversos ao espirito do seculo, o chamado imperador do Mexico, pelo decreto de 5 de setembro de 1865 restabeleceu praticamente a escravidão nos seus dominios, e pelo decreto de 3 de outubro de 1865 violou o direito das gentes, negando aos republicanos o direito de beligerantes, determinando que fossem passados á espada 24 horas depois de serem feitos prisioneiros.

Resolve portanto o senado e camara dos representantes: 1.º que vemos a actual situação da republica do Mexico com toda a solicitude; 2.º que a tentativa para destruir um dos governos republicanos deste continente por uma potencia estrangeira, e estabelecer sobre as suas ruinas uma monarchia sustentada só por bayonetas europêas, é contraria á politica expressa d'este paiz, offensiva d'esta nação, e repugnante com o espirito das nossas instituições; 3.º que se peça ao presidente dos Estados-Unidos queira tomar em respeito a este grave assumpto as medidas, que indiquem o interesse e honra do nosso governo.»

— Na America espalhou-se a discordia no partidos dos *fenianos*. Está quasi em dissolução o governo que elles tinham constituido á maneira do governo dos Estados-Unidos.

O presidente eleito, mr. O'Mahoney foi demittido pelo sendo e substuido por mr. Roberts. Este pediu aos *fenianos* que reconhecessem a sua auctoridade; mas os amigos de O'Mahoney conservaram-se fiéis á primeira escolha, e protestaram contra a decisão do senado.

— Teem se trocado correspondencias entre o conde Russell, lord Clarendon, e mr. Adams, representante do governo americano em Londres em respeito ao navio *Shnandoahah*.

O gabinete inglez está resolvido a entregar aquelle navio aos Estados-Unidos; mas não quer que se exija qualquer indemnisação pelos prejuizos causados por aquelle corsario, cuja responsabilidade o governo de Londres não quer tomar sobre si.

Mr. Adams admitte a restituição do *Senandohah*, mas não se conforma com o proceder das auctoridades inglezas, por não perseguirem a equipagem.

Lord Clarendon terminou com as correspondencias a este respeito, declarando que renova os protestos de amisade da Inglaterra para com a America, e ao mesmo tempo dizendo que a discussão sobre este assumpto não póde continuar em razão de já estar mais que muito explicado.

Noticiario

Noticias da côrte. — Lê-se no

J: do Commercio : El-Rei e a real familia assistiram no domingo (31 do mez passado) ao *Te Deum* , que de tarde foi celebrado na sé patriarchal, em acção de graças , pelos beneficios recebidos durante o anno , e pela sua boa chegada a esta côrte.

Muito povo concorreu a este acto.

A côrte estava numerosa.

A' noite El-Rei assistiu ao espectaculo no theatro de S. Carlos, onde se cantou a ópera *Fausto*.

Hontem o cortejo no paço da Ajuda, por bons annos, e de parabens pelo regresso de SS. MM. foi muito concorrido.

S. M. a Rainha vestía um riquissimo vestido de velludo escarlate , com primorosos bordados e franjas de oiro. Dizem que era verdadeiramente magnifico.

Á noite SS. MM. não honraram com as suas presenças nenhum dos theatros.

Hoje, á uma hora da tarde, verificou-se a cerimonia da abertura das côrtes, em sessão real, conforme o programma costumado.

Á noite, El-Rei com S. M. o sr. D. Fernando e o sr. infante D. Augusto, assistiram ao espectaculo no theatro de S. Carlos, em gala, na tribuna real.

Condemnação á morte de Soutei. —Lê-se no *Nacional* : São sabidos os crimes que este homem em vinte e quatro horas apenas, achou meio de praticar, envenenando, n'um hotel de Londres, tres filhos de uma mulher com quem vivia, e depois, em Ramsgate, assassinando a propria mulher e sua filha.

Nos ultimos tempos, este homem havia procurado simular a loucura, e foi tambem o meio de defeza de que os seus advogados se serviram. O jury declarou-o culpado, e foi condemnado á morte. Ouviu a sua sentença sem manifestar a menor emoção.

Não foi por um fio... mas quasi ! — (Do mesmo jornal). Ultimamente, em Diueze, estiveram para ser victimas da ferocidade d'um leopardo um homem e uma mulher, expositores do sobredito bicho, e muitos outros. A mulher, fazendo prova de bravura, durante uma exposição, metteu-se dentro da jaula do leopardo. Este arremessou-se sobre ella, deixando-lhe o rosto em miseravel estado. O marido, correndo a accudir-lhe, estava a ponto de ser devorado, se o acaso não atira a cauda do animal para fóra da jaula, e não está ali um vigoroso cidadão que o agarra, conservando o leopardo assim preso até que os dois podessem ser salvos.

Não foi por um fio... Foi pelo que já sabem.

Honra ao merito.—A sociedade de geographia da Russia de que é presidente o gran-duque Constantino nomeou socio effectivo d'aquella corporação o sr. Antonio Augnsto Teixeira de Vasconcellos, director politico da *Gazeta de Portugal*.

Poucos dias depois foi dada tambem ao sr. Teixeira de Vasconcellos pelo imperador a commenda da ordem de Santo Estanislau.

Estas honras recahem no verdadeiro merecimento, o que nem sempre succede.

Theatro.—Abriu hontem o theatro dos artistas as portas a uma companhia de academicos, que tem andado por diversas povoações representando.

A concorrencia foi diminutissima. Havia um camarote occupado, e na plateia estariam ao mais trinta pessoas.

O espectaculo não agradou. Fizeram o que poderam os representantes, mas, permittam-nos a franqueza, podem pouco. A sua vida não é representar; não admira senão que se deem a similhante encommodo, em terras estranhas, e cremos que por simples divertimento.

Dizem que a recita se devia repetir hoje. Não lh'o aconselhamos. O nosso defeito é em taes casos dizer o que entendemos.

O anno começa mal para o theatro em Aveiro. D'aqui a mais é impossivel levar lá uma unica pessoa.

Mr. Filibert. — Tem estado em Oliveira d'Azemeis este cantor, que o mez passado nos proporcionou aqui alguns momentos bem agradaveis.

Sabemos que tem sido ali muito obsequiado. Tomou parte em quatro ou cinco *soirèes musicaes* em casa da sr.ª D. Maria das Dores e do sr. Bernardo da Costa, cantando já a *solo*, já em *duo* com a interessante filha do sr. José da Costa, e foi muito penhorado por as principaes familias d'aquella villa, recebendo de todas distincções, e d'algumas valiosos presentes.

Mr. Filibert é digno, como poucos nas suas circumstancias, de todos estes obezequios, por que ao merecimento do cantor reune extremada polidez e maneiras de homem bem nascido. Tivemos aqui occasião de o apreciar, e folgamos de saber que deste modo foi recebido em Oliveira d'Azemeis.

No theatro, d'aquella villa, que, diga-se de passagem,é o melhor do districto, e muito superior a todos os outros, deu só tres recitas, mas essas extraordinariamente concorridas, e fartas de applausos e flores.

Fizeram-nos mercê d'um soneto que, em uma d'ellas, recitou, de um camarote, o sr. J. Antonio G. L. Rebello, que nos parece conceituoso e que, confiados na benevolencia do seu auctor, tomamos a liberdade de publicar.

Se O pheu e Amphião na Grecia diffundiram
Outr'ora magos sons, cuja influencia,
Mudando á natureza a propria essencia,
As féras e os rochedos attrahiram :

Se, onde é licito aos homens, invadiram
D'angelicos concertos a cadencia ;
E ameigando dos povos a existencia
Memoria eterna aos évos transmittiram :

Tambem tu, joven, revolvendo da arte
Arcanos divinaes, nos extasias ;
Perpetúas teu nome em toda a parte

Encantas nosso ouvido ; e as sympathias
Dos que t'em a ventura de escutar-te
Lá vão, lá vão com tuas harmonias.

Visitantes perigosos. — Um pastorinho pobre e provavelmente tão desabrigado como o que o nosso Fr. Bartholomeu dos Martyres encontrou nas serras do Barroso, andava ha dias pastoreando o seu rebanho n'um fraguedo para as bandas de Travanca.

Descia vagarosamente a encosta tangendo a diante de si o seu rebanho, para se ir agasalhar dos frios da noite, que se avisinhava, quando de repente estaca aterrado, vendo de frente trez lobos, dois dos quaes iam muito sorrateiramente achegando-se das ovelhas, e o terceiro defrontava com elle como para lhe impor o silencio do terror.

A pobre creança nem animo teve para gritar. Por fortuna passavam dois homens que deram fé do perigo que corria, e foi essa a sua salvação. Gritaram logo, para metter susto ás feras, que effectivamente se foram retirando apenas se conheram presentidas , e acompanharam depois o pastorzinho á sua pousada para que se lhe não repetisse o perigoso encontro.

Sempre que o frio assume uma certa intensidade , começam a apparecer estes hospedes incommodos nas visinhanças das serras , e parece que este anno tem apparecido em algumas localidades em maior numero, talvez acossados pelos altos gelos que cobrem as cumiadas das montanhas.

A' camara. — Em nome das pernas, das botas e das cabeças de todo o cidadão que tiver a infelicidade de passar de noite nas ruas da cidade, pedimos á mais que muito illustradissima camara que faça accender os lampeões, que estiveram hontem toda a noite apagados, apesar de fazer um escuro, capaz de metter medo ao mais intrepido camarista.

Que trevas, illustrissima camara, que trevas e que desmazelo ! ! !

Fallecimento.—Falleceu ha dias o sr. dr. José Maximo de Castro Netto Leite e Vasconcellos, juiz da relação de Lisboa.

Era um funccionario respeitavel pela sua intelligencia e honradez e fôra auctor do projecto e principal collaborador do codigo penal portuguez.

Gazeta do Campo. — Este jornal que se publica em Mafra appareceu á luz no dia 1.º de janeiro. E' dedicado ás classes pobres, por quem é seu intuito derramar instrucção.

E' um pensamento nobre e uma aspiração humanitaria a que preside á publicação d'aquelle jornal.

Bem vindo seja, pois.

Recepção. — Recebemos um volume que contém os discursos do sr. ministro da fazenda pronunciados nas sessões 6, 7 e 9 de dezembro sobre a novação do contrato do caminho de ferro.

Agradecemos a remessa.

O Panorama. — Appareceu de novo o *Panorama*, que ha annos tinha interrompido a sua publicação.

Foi em tempos um excellente jornal litterario, e continuará a sel-o, que são distinctas as capacidades litterarias, que ora collaboram nelle.

Contém os seguintes artigos :

A Suissa — Questão litteraria — Os Philo-Portuguezes — Mr. Leon de Laborde — Perez Lourenzo — A Estrella.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 4 de janeiro.

Venho de novo occupar o meu posto de correspondente que circumstancias a que não pude ser superior me fizeram deixar por uma só vez. Se houve culpa em haver eu abandonado o meu posto de honra, que feliz culpa não foi a minha ! !

A bem escripta correspondencia ultimamente publicada é da lavra do vosso antigo correspondente, que por largo tempo fez as delicias dos leitores dessa folha. Á sua benevolencia devo eu o haverem tido os assignantes desta folha alguns minutos de uma leitura deleitosa pela sua variedade e chiste. Ali se viam os traços de mestre : pena é que a substituição não fosse por mais tempo ! Os leitores hão de ter paciencia. O que é bom dura pouco.

Somos entrados no anno de 1866. Seja bem vindo ! Oxalá traga elle por cortejo todas as felicidades e venturas para este paiz, e que os nossos leitores tenham por partilha uma grande parte dellas !

— As côrtes foram abertas no dia 2 do corrente pela 1 hora da tarde com todas as solemnidades prescriptas no programma,que em taes occasiões se publica.

Reunidos na sala das sessões dos srs. deputados os membros d'ambas as casas do parlamento, entraram S. M. El-Rei e o sr. infante D. Augusto, precedidos da deputação nomeada previamente pelo sr. conde de Lavradio que occupava a cadeira da presidencia, antes de aberta a sessão.

S. M. pronunciou a falla do throno, a qual pela sua extensão não transcrevemos aqui.

O discurso da corôa torna-se notavel pela lisongeira promessa, que faz, de curar de diversos ramos da publica administração, e sobre tudo da instrucção e designadamente da primaria, como meio de formar bons cidadãos para o paiz. Estamos convencidos de que o governo saberá traduzir em leis todas aquellas promessas, porque lhe sobra intelligencia e boa vontade.

— Na sessão preparatoria da camara electiva de quinta feira, 4, occupou a presidencia o sr. João de Mello Soares, decano, sendo secretarios os srs. Pinho e Carolino Pessanha como mais novos. Procedeu-se á eleição da lista quintupla : corrido o escrutinio, obteve maioria o sr. dr. Gezario com 82 votos. Entraram na urna 107 listas sendo 17 brancas. A camara com aquella votação mostrou, que o principio da fusão vae-se consolidando cada vez mais, e prestou ao sr. Cezario mais uma prova de estima, e consideração em que tem as suas qualidades, que o elevam de novo á cadeira do presidente que já occupou tão dignamente.

Não tendo mais ninguem obtido maioria, passou se ao segundo escrutinio, e obteve maioria, o sr. Sampaio com 67 votos. Foi uma homenagem ao decano da nossa imprensa, e aos subidos dotes que ornam aquelle caracter intelligente e honesto. É mais um élo que prende os fusionistas.

Procedendo-se ao terceiro escrutinio, afim de se completar a lista quintupla, sahiram eleitos os srs. João de Mello com 70 votos — Joaquim Pinto de Magalhães com 66 — e Placido d'Abreu com 61. Em seguida nomeou o presidente a deputação, que tem de apresentar a S. M. a lista quintupla para a escolha de presidente ; pela votação já os nossos leitores podem prever quem serão os escolhidos.

A opposição está desmantelada, e por isso não deu batalha na presidencia ; alguns contentaram-se em deitar listas brancas, que chegaram ao numero de 17 como já disse.

— Não ha novidades politicas. A folha official vem despida de interesse.

— Recebeu-se a mala da nossa possessão de Macau. As noticias alcançam a 13 de novembro do anno findo, e são satisfatorias.

— Tem creado corpo o boato, de que o sr. ministro da marinha vae largar a sua pasta, sendo substituido pelo sr. Mendes Leal. Não sei o valor que possa ter similhante boato ; mas se se verificar, o sr. Mendes ha de vêr-se em calças pardas para se sustentar.

Ouço dizer que ha de ter uma fortissima opposição e nomeadamente dos deputados por ultramar, pelo menos na sua maioria. E diga-se a verdade; não se sentou ainda nos conselhos da corôa nenhum ministro da marinha e ultramar com tão bons auspicios e com mais meios, e que fizesse menos! A administração de s. ex.ª foi deploravel para as nossas possessões, pela infelicidade que acompanhou a s. ex.ª na escolha dos governadores. A marinha, creio, que não teve melhor sorte.

Somos dos primeiros a curvar-nos reverentes deante do sr. M. Leal como um dos primorosos cultores das lettras patrias; fazemos devida justiça ao seu muito talento e á sua perserverança no trabalho; mas a s. ex.ª faltam dotes que o recommendam como homem d'estado. Não é possivel abarcar o mundo intellectual com ambas as mãos.

— Continua doente o sr. ministro da guerra ; fazemos votos pelas suas melhoras.

— Falleceu a mãe do nosso amigo o sr. Carrilho, correspondente do *Diario Mercantil*, do Porto. Damos-lhe os sentimentos pelo golpe que acaba de soffrer.

— Na camara dos pares lêu-se a carta regia nomeando os srs. duque de Loulé e Seabra (visconde) supplentes do presidente, que brevemente partirá para Londres, onde tem exercido o cargo de nosso representante. A nomeação de secretarios recahiu nos srs. marquez de Valladas, e visconde d'Alges, sendo vice-secretarios os srs. conde d'Alva e Jayme Larcher.

— Falleceu o bem conhecido jurisconsulto o sr. José Maximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos, juiz da relação de Lisboa.

— Na sessão de hoje procedeu-se á eleição dos secretarios. Sahiu eleito o sr. Sieuve de Menezes. Quando se procedeu á do segundo secretario que, segundo se dizia, seria o sr. Fernando Caldeira, a urna não lhe deu a maioria obsoluta, e por isso teve de se proceder a nova eleição, cujo resultado lhe foi favoravel.

Leu se o decreto real nomeando o presidente e vice-presidente.

— Corre como certo que rebentou uma revolução em Hespanha. Não se sabe em que sentido. E' provavel que seja em sentido democratico. Por hoje mais nada.

Y.

ULTIMOS DESPACHOS

Madrid 2 ás 11 h. e 8 m. da manhã

Pariz, 1.—Na recepção nas Tulherias o imperador entreteve-se muito tempo com o corpo diplomatico, e dirigiu palavras lisongeiras a cada embaixador ; e recebendo a deputação de corpo legislativo disse que acceitava com prazer os comprimentos e o testemunho de concordia que deve existir entre os grandes corpos do estado.

Assegura-se que o corpo legislativo se reunirá de 22 a 29 de janeiro.

Commercio

Mercados nacionaes

Porto, janeiro 4

Farinha de milho	$560 a $570
Trigo serodio	$820 a $910
» barbella	$720 a $730
» ribeiro	$910 a $920
» da Maia	$900 a $920
» vareiro	$900 a $920
Feijão branco	$720 a $740
» vermelho	$790 a $800
» rajado	$630 a $640
» frade	$580 a $600
» amarello	$720 a $730
Milho da terra	$500 a $510
» estrangeiro	$460 a $470
Centeio	$570 a $580
Cevada	$420 a $440
batatas (arroba)	$320 a $330
Azeite (almude)	4$600 a 4$800

Annuncios

Francisco da Silva Mello Soares de Freitas não podendo pessoalmente despedir-se das pessoas que se dignaram procural-o na sua rapida visita a esta cidade, o faz por este meio.confessando-se extremamente penhorado, e offerecendo o seu prestimo em Lisboa, onde reside.

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO

Da parte do ex.mo sr. presidente é convocada a assembleia geral para o dia 6 do corrente, em conformidade com os estatutos.

Aveiro, 1 de janeiro de 1866.

A. D. Pinheiro.
Secretario.

---

(2)

Da parte do sr. presidente d'Assembleia Geral d'Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, são convidados todos os socios para no dia 6 do corrente pelas 2 horas da tarde se reunirem no edificio do Lyceu Nacional, afim de se proceder á eleição da gerencia para o anno corrente , como dispõe o artigo 33.º dos estatutos.

Aveiro, 1 de janeiro de 1866.

O 1.º secretario
Antonio Maria Alves da Rosa.

---

(1)

Quem perdesse uma carteira com documentos dentro, de grande importancia, falle n'esta redacção, onde se lhe dirá quem a achou.

---

(2)

José dos Santos Neves, de Aveiro, tem para vender uma morada de cazas com suas pertenças sitas na rua do cemiterio, de Ilhavo, as quaes lhe foram adjudicadas por execução que move contra João Marques de Carvalho, e filhos, e José Moreira Barreirinho da mesma villa, pelo preço da avaliação de 120$000 rs.

O annunciante quer vendel-as até ao dia 7 do corrente janciro, a quem mais lhe der.

---

(3)

Vende-se a pharmacia, que foi de José Martins Pereira da Cruz, sita em S. Martinho de Pessegueiro, concelho de Sever do Vouga ; os pharmaceuticos que a pretenderem, podem dirigir-se a Antonio José Martins Pereira, da mesma localidade,que se acha habilitado para dar as necessarias informações.

PIANOS

Ha na rua dos Mercadores n.º 13 deposito de pianos d'um dos mais acreditados fabricantes de Pariz.

Os preços são os mesmos dos depositos do Porto e Lisboa.

BANCO UNIÃO

SECÇÃO DE SEGUROS MUTUOS DE VIDA

A direcção lembra aos srs. subscriptores por annuidades para esta secção do BANCO, que até 31 do corrente têem a fazer as seguintes entradas, para não pagarem a percentagem por morosidade de que trata o artigo 21.º do regulamento.

3.ª para a liquidação de 1869.
2.ª para a liquidação de 1870.
1.ª e entrada unica de 1871.

Até á mesma data, ainda se tomam subscripções para a liquidação de 1870, pagando os subscriptores 12 p. c. sobre a entrada unica ou 1.ª prestação por já terem um anno vencido e liquidarem em 4 annos.

Para a liquidação de 1871 subscreve-se até 31 do corrente sem percentagem alguma por atrazo ; e do 1.º de janeiro até 31 de dezembro de 1866, ainda se poderá subscrever para esta liquidação, pagando 1 p.c. ao mez sobre a 1.ª prestação ou entrada unica.

Porto, 7 de dezembro de 1865.

Os directores,
José de Almeida Campos Junior.
F. M. van der Niepoort.

O agente em Aveiro.—*Agostinho D. Pinheiro Silva.*

NOVISSIMA REZA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

Acha-se á venda por o modico preço de 80 rs. o «Novo Officio Ecclesiastico, e Missa propria, tanto para o dia 8 de dezembro, como para o da vigilia, e seu octavario».

Este interessante livrinho encontra-se na mesma loja onde se vende o «Kalendario Ecclesiastico».

Recommenda-se a attenção dos reverendissimos padres a tal respeito ; tendo egualmente em attenção , que segundo o disposto nas Lettras Apostolicas de 25 de setembro de 1863 , e advertido tambem na folhinha de 1865 , não satisfazem por outro Officio.

A folhinha para 1866 acaba de sair do prelo, e acha-se á venda nas localidades onde se vendeu o anno passado, e pelo mesmo preço.

LIVRARIA

DE

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Nesta livraria acham-se á venda as seguintes obras :

BRADOS

CONTRA O

CASAMENTO CIVIL

I. CONSIDERAÇÕES— sobre o projecto por J. Joaquim de Almeida Braga.

II. CARTA—do sr. duque de Saldanha.

III. REPRESENTAÇÃO—do povo da Maia dirigida á camara dos srs. deputados pelo Bispo Titular d'Angola.

Vende-se no Porto, rua do Bomjardim n.º 72, e nos differentes livreiros ; e em Aveiro, na loja do sr. Mello Guimarães.

OS MARTYRES — por Chateaubriand , traducção de Camillo Castello Branco —2 vol. . . 1:400

HISTORIA DA VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO—pelo padre Ligny, traducção —2 vol. 1:440

Em Hespanha—scenas de viagem por Julio Cesar Machado 1 vol. 500

O PANORAMA

Semanario de litteratura e instrucção

Publicou-se o 1.º numero. Contem : — A Suissa (gravura) — A Questão litteraria, por Zacharias Aça — A Belleza e os Adornos.—Os Philo-Portuguezes, por Innocencio Francisco da Silva.—M. Léon de Labord (gravura).—Perez Lourenço (scenas da campanha do Mexico), por Pinheiro Chagas.—A estrella (poesia), por E. A. Vidal.—O segredo. — A Posteridade.

Em Lisboa.— Subscreve-se no escriptorio, typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6 — Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscripta—á Empreza do Panorama.

Assignatura por anno 1$300—Estampilhado 1$560—semestre 650 estampilhado 780 — trimestre 340 estampilhado 400 rs.

Vende-se em todas as livrarias do costume.—Numero no acto da entrega ou avulso 30 rs.

No Porto. — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA.—

Typ. do «**Districto d'Aveiro.**»